

## **A Questão do Método na Educação Popular e na Teologia da Libertação\***

**Matthias Preiswerk**

“Quando tínhamos quase todas as respostas, mudaram-se-nos as perguntas.”  
(Grafite nas paredes da Universidade de Bogotá.)

### **1. Questão do Método e Método da Pergunta**

Falar do método na educação popular (EP) e na teologia da libertação (TdL) não será recordar velhas respostas a perguntas passadas? A EP e a TdL, além de terem saído de moda (já não servem para manchetes na imprensa, não são mais bons produtos para as editoras...), não terão também perdido vigência e importância no contexto novo vivido pelo mundo e pela América Latina? Por que não falar simplesmente da questão do método na pedagogia e na teologia?

Eis aqui, para começar, algumas primeiras questões de método, porque o método em geral e em qualquer campo de ação ou conhecimento significa detectar, colocar e encontrar as verdadeiras perguntas. Isto quer dizer, sem cair em jogos baratos de palavras, que a questão do método não pode ser desvinculada do método da pergunta. A questão do método “na EP e na TdL” está relacionada, sem redundâncias, com o fato de situar as verdadeiras perguntas que se colocam hoje para a EP e a TdL, na medida em que ambas ainda tenham interrogações importantes a colocar aos homens, às mulheres e aos povos da América Latina e do Caribe.

Parto da hipótese de que não se pode falar de método pedagógico, nem de método teológico, nem das relações entre ambos se não colocamos esse problema num contexto ou sistema mais amplo que inclua os dois. Esta hipótese foi uma intuição básica tanto da TdL quanto da EP:

— não se pode dar razão da fé no poder de Deus, na pertinência de Cristo e na presença do Espírito Santo a não ser dentro das condições reais que fazem com que os homens e as mulheres latino-americanos vivam, em sua maioria, em condições de exclusão econômica, cultural, política, étnica, sexista, geracional...

— não se pode fazer nem pensar a educação se ela não é concebida como um fenômeno social, profundamente marcado pelas condições nas quais se dá a vida ou a sobrevivência em nossas terras.

Por várias circunstâncias e por muito tempo, essas intuições e essa abertura da TdL e da EP não foram além do campo econômico e político. Ainda assim, já tínhamos uma conquista importante: estava-se elaborando um discurso pedagógico e teológico que ultrapassava o mundo da Igreja e da escola, um discurso que superava a simples autojustificação teológica e pedagógica.

Disse que o método em si tem a ver, em princípio, com a pergunta. A pergunta é constitutiva do método.

Agora afirmo que a pergunta primeira e última é pelo ser humano. O ser humano é a pergunta. Não há, portanto, método, não há caminho à margem dos sujeitos sociais. Hoje na América Latina não há método para viver ou morrer, para acariciar ou destruir, para compartilhar ou acumular, para acolher ou excluir que não parta dos seres humanos. Infelizmente, hoje em nossa América Latina neoliberal, branca, machista, modernizada, a pessoa mais representativa, a pessoa a partir da qual se deve falar e pensar é a não-pessoa. Hoje em dia, a pergunta, o método é a não-pessoa; é ela que interroga a teologia e a pedagogia.

Pode ser que essas afirmações tenham saído de moda; infelizmente, elas têm plena vigência. Tragicamente, são mais atuais hoje do que quando os teólogos latino-americanos cunharam a TdL ou quando alguns educadores e militantes políticos revolucionários começaram a falar de EP. Desde então não deixaram de se agravar as condições de vida em nossas terras indígenas, afro-caribenhas, afro-brasileiras, mestiças e brancas.

## **2. O Método no Sentido Comum da Prática Educacional e Pastoral**

a) Ao se analisar os discursos dos educadores populares, cai na vista uma grande falta de precisão conceitual em relação à terminologia usada para referir-se aos problemas de método. Por um lado, as palavras “método” e “metodologia” são usadas freqüentemente como termos intercambiáveis. Por outro, menciona-se o método para fazer referência às técnicas ou aos dispositivos (o método da alfabetização), às ações educacionais (o método participativo), às correntes pedagógicas (o método ativo), a determinados autores (o método Paulo Freire), a conceitos ou paradigmas novos (a corporalidade). Essa diversidade de uso faz com que, em última análise, uma palavra e um conceito de muita importância para a tarefa educacional se esvaziem de seu conteúdo.

Tive várias vezes a oportunidade de escutar educadores populares fazerem, na hora de relatar sobre sua própria prática educacional, afirmações como esta: “Passamos da alfabetização para a conscientização, do método de Paulo Freire para o método dialético, e agora trabalhamos com o diálogo de saberes.” Com as

desculpas do leitor, esse tipo de afirmação me faz pensar numa bela moça que explica, com muito desembaraço, que passou da minissaia para a maxi, da maxi para a midi e da midi para a micro.

Para lá da polêmica e do bom ou mau gosto desta comparação de roupas, pode-se afirmar que no campo educacional popular se confunde amiúde método com moda, correndo o risco de não saber muito bem por que se adota o método ou se o deixa e correndo o risco de abandonar tudo quando alguns intelectuais frustrados decidirem que não é só determinado modo de fazer que perdeu a vigência, mas que a própria EP já não tem razão de ser.

Por trás disso estão o problema e a limitação talvez mais graves que a EP sofreu ao longo dos últimos anos: um esvaziamento pedagógico. Partindo da afirmação correta de que toda educação é um fenômeno determinado social e politicamente e que a pedagogia não pode, por si só, dar conta de todas as ações educacionais, acabou-se caindo num desconhecimento da pedagogia, como se a própria identidade da prática educacional fosse essencialmente — ou, pior ainda, exclusivamente — política.

Essa crise de identidade se reflete no vocabulário utilizado pela EP. De fato, multiplicam-se e superpõem-se pedagogias que eu chamaria de pedagogias de genitivo. Fala-se de pedagogia *da* pergunta, *da* esperança, *do* gênero, *da* diversidade... esperando que o segundo termo juntado ao substantivo “pedagogia” proporcione a chave e a fórmula para precisar a especificidade e a própria substância do que a pedagogia quer e pode alcançar.

b) Mudando agora de atores, quando escuto como os agentes de pastoral, catequistas ou líderes de grupos cristãos definem o método da teologia latino-americana, não encontro afirmações mais sólidas sobre o método do que aquelas emitidas pelos educadores populares.

Em minha experiência ecumênica de encontros e seminários de educação cristã, quando se convida os participantes a definir e precisar o método da teologia latino-americana, eles se referem quase automaticamente à tríade “ver — julgar — agir”. Se se pede maior precisão, os participantes, em vez de esclarecer o alcance de cada termo, preferem completar os termos mencionados com verbos como “sentir”, “celebrar”, “amar”, “lutar”, “organizar-se”...

Este não é o momento de discutir o valor e a importância do método de revisão de vida elaborado por grupos da Ação Católica na Europa há mais de 50 anos. Questiono apenas o uso mágico de uma fórmula que, apesar de ter sido retrabalhada profundamente pelos teólogos latino-americanos, corre o risco de, na prática pastoral de base, diluir-se numa espécie de moralismo pragmático em contradição com o debate interdisciplinar que se dá na TdL entre ciências sociais críticas, a hermenêutica bíblica e a prática política revolucionária.

### 3. O Método: um Nó Teórico-Prático

Depois do diagnóstico polêmico e conscientemente um tanto redutor que acabo de sugerir, escuto o protesto justo dos ideólogos ou pedagogos da EP, assim como dos teólogos profissionais. Eles vão dizer, com toda a razão, que o quadro anterior não faz justiça às contribuições teóricas que estimularam práticas ricas e complexas no campo pedagógico e teológico. E isto está certo. O que me interessa no momento é a brecha que existe entre teólogos e agentes de pastoral, de um lado, e entre pedagogos e educadores populares, de outro. Essa brecha, relacionada com a questão do método, me leva a colocar uma hipótese ou paradoxo angustiante: são as pessoas mais próximas da prática educacional ou pastoral que definem com maior dificuldade os métodos; reciprocamente, são os intelectuais mais distantes do trabalho educacional de base que propõem as reflexões mais sofisticadas sobre o método. Haveria entre educadores cristãos e teólogos, de um lado, e entre educadores populares e pedagogos, de outro, uma espécie de divisão social e intelectual do trabalho teológico ou educacional.

O que nos dizem essas rupturas e distâncias? Em que o discurso erudito de pedagogos e teólogos alimenta ou não a prática cotidiana de educadores e pastores? De que maneira essa prática interpela a maneira de pensar, refletir e escrever do pedagogo e teólogo?

Ambas as perguntas estão no âmago de nossa preocupação: uma preocupação com o método, uma pergunta tanto prática quanto teórica. Estou procurando construir um método que ordene e sistematize as mediações, as pontes, as interações entre o que se refere à teoria e à prática, sabendo de antemão que esta separação é impossível ou que não é mais do que uma distinção, como se diz, *por método*, uma distinção para poder pensar e atuar melhor.

Para que o leitor não se impaciente, já é tempo de precisar o que é que entendo por “método”. Como se sabe, o termo vem do grego *meta odos*: “o caminho para...”, referindo-se ao processo que leva à realização dos objetivos. O método está ligado à maneira de fazer as coisas para conseguir o que se espera. E, dito isto, as coisas se complicam tremendamente.

As definições clássicas do método são freqüentemente presas de uma razão instrumental. Alguém, p. ex. um teólogo ou um educador, define uma meta, e ele mesmo define os passos e procedimentos para alcançá-la... e o que acontece com as pessoas, com os sujeitos, com suas próprias metas, necessidades e desejos?

Será que o caminho reto não é um espelhismo? Acaso existe um só caminho para chegar a um ponto definido? Nos passeios e nas caminhadas, assim como na vida, econômica, afetiva, política... experimentamos com freqüência que o caminho mais curto entre dois pontos não é necessariamente a linha reta. Pior ainda: experimentamos que há pontos, metas e destinações impossíveis de alcançar... não bastam os instrumentos nem as técnicas.

Então, se na EP e na TdL reconhecemos que estamos lidando com uma diversidade de sujeitos, podemos falar de *um* método, ou estamos condenados a usar esta palavra no plural? Qual é a relação entre sujeitos e método? Pode-se dizer que há um método e diferentes metodologias, entendendo sob esta palavra o conjunto das técnicas utilizadas?

Proponho, a título de hipótese, a necessidade de falar do método como sistema de relações, como estrutura de pensamento e de ação, como inspiração que assume as rupturas, as defasagens, as distâncias entre os sujeitos com seus próprios desejos e necessidades, as metas que se pretende alcançar, os processos para alcançar essas metas, os obstáculos oferecidos pelo contexto.

Ao entrarmos um pouco mais em nossos campos específicos da teologia e da pedagogia, as perguntas se diversificam:

O método teológico: um caminho para... Deus; acaso existe tal caminho? Jesus Cristo é nosso único método, dirá o catecismo... mas em que avançamos com esta afirmação? Quais são o método e as mediações para aproximar-nos desse Cristo ou para deixar que ele nos alcance e conduza nossos passos? Através de quem ele toma nossa mão? O método teológico cristão passa pelos excluídos?

O método pedagógico: um caminho para... o conhecimento. Acaso ele é alcançável? Existem fórmulas?

Isto me leva a propor o método em pedagogia e em teologia como um sistema de mediações, como a instância das inter-relações dentro e entre os diferentes componentes da atividade educacional ou teológica: a estrutura social, os atores, as finalidades, os conteúdos, os dispositivos... O método é um conjunto de relações e interações que define em última análise o caráter e a natureza de determinada pedagogia ou teologia.

No campo da teologia, a pergunta pelo método é uma pergunta profundamente pedagógica: como aprender não é uma questão instrumental, já que o objeto da teologia escapa à apreensão, à verificação e manipulação empírica; como aprender a Deus, como aprender a fé não é, em primeiro lugar, uma pergunta de educação cristã ou de catequese, e sim de teologia fundamental.

No campo da pedagogia, a pergunta pelo método é mais do que a questão didática da forma de comunicar um saber, um fazer ou um comportamento. É a questão da educabilidade: saber se o ser humano é realmente capaz de aprender. Trata-se de uma questão antropológica e, a partir da fé, teológica.

## 4. Recordando o Método da Teologia da Libertação

### 4.1. O Círculo Hermenêutico: um Método Teológico

Recordarei, no que se segue, muito rapidamente o método da teologia latino-americana da libertação, formado por quatro mediações necessárias e complementares:

a) uma mediação espiritual que parte da pergunta: onde e do lado de quem se encontra Deus hoje na América Latina? Esta pergunta teológica, colocada em nossos contextos de sobrevivência, resistência e luta leva a uma resposta prática solidária, a opções éticas, a pressupostos teóricos e teológicos... numa só palavra: à luta pela vida e pela justiça. Nessa luta sinto-me convocado pelo Deus de Jesus Cristo, antes do que por qualquer *slogan* ou ideologia;

b) uma mediação sócio-analítica que utiliza instrumentos científicos e críticos para analisar e interpretar a realidade econômica, social, cultural e política como o único lugar onde estão em jogo a morte e a vida dos homens e das mulheres deste continente;

c) uma mediação hermenêutica que interpreta a palavra de Deus em função das novas situações e a partir dos desafios que se colocam para a Igreja na realização de sua missão;

d) uma mediação prática que, saindo da ação, leva a uma ação transformadora de acordo com os imperativos da palavra de Deus e da realidade analisada criticamente.

Estas quatro mediações formam o famoso círculo hermenêutico. É um movimento constante de ida e vinda entre a realidade (analisada criticamente) e a palavra de Deus, a partir do compromisso dos crentes na transformação de uma situação de morte. Nesse movimento há um enriquecimento mútuo: a prática dos cristãos, em resposta aos desafios da realidade e à inspiração da palavra de Deus, lhes permite interrogar a Bíblia com novas perguntas e produzir novos sentidos para sua realidade. Essa palavra, por sua vez, questiona com força renovada a realidade de injustiça e de morte que caracteriza a situação latino-americana. A leitura, a análise da realidade e a luta por sua transformação permitem uma nova leitura da Bíblia. A acolhida e a leitura da palavra de Deus permitem uma nova inspiração e motivação para a transformação da realidade. Este processo se dá dentro de uma prática integral, tanto espiritual quanto política.

### 4.2. Teologia e Educação

O círculo hermenêutico, assim como o recordei muito superficialmente, repousa sobre a relação entre os diferentes sujeitos da teologia: comunidades

populares, agentes de pastoral, teólogos profissionais. Esses atores mantêm uma relação educacional entre si: aprendem uns dos outros, ensinam uns aos outros, sempre dentro de um contexto determinado. Neste sentido, a educação é inerente à produção da teologia na América Latina. Confrontados com a realidade de opressão e morte, os diferentes saberes teológicos (populares, pastorais e acadêmicos) constituem-se numa única teologia comprometida com as vítimas da sociedade mediante uma prática educacional: um intercâmbio de saberes teológicos.

As diferentes práticas educacionais dos crentes (dentro da Igreja, da escola ou dos movimentos populares), sua capacidade de transmitir e de recriar os conteúdos da fé, transformam a organização e o funcionamento tradicionais da teologia. A educação cristã, entendida como esse conjunto de práticas educacionais, torna-se uma ponte decisiva entre a teologia prática e a teologia em geral. De fato não se trata simplesmente da transmissão de algumas verdades que a teologia sistemática houvesse definido, e sim da reprodução e criação da mensagem cristã dentro de situações sempre novas.

Quero dizer com isso que a educação, dentro da teologia, não se limita a uma função anexa e instrumental, a um veículo das verdades da fé (depois que o biblista ou o teólogo sistemático as tenha definido). A educação intervém igualmente na gênese e na elaboração da teologia. Neste sentido, todo o fazer teológico tem uma dimensão educacional. A educação é central para o método da teologia. No contexto já mencionado, não se trata de qualquer modelo educacional; trata-se aqui daquele movimento coincidente que leva o nome de educação popular.

## **5. Observações sobre o Método da Educação Popular**

Até nos escritos teóricos sobre a EP se confunde freqüentemente o método com as diferentes técnicas utilizadas. As técnicas certamente remetem em última análise a opções metodológicas, mas não se devem confundir esses planos.

O método, como já assinalai, está em estreita interação com as finalidades. Por exemplo: quando uma experiência de EP coloca o acento na consolidação da identidade dos protagonistas populares, de seus sistemas de valores, de suas crenças, de suas culturas..., o método será prioritariamente indutivo. Quando, pelo contrário, o acento é colocado no projeto ideológico e político, o método será mais dedutivo. Visará transmitir, explicar, divulgar os conhecimentos que os formadores consideram mínimos e necessários para a transformação da sociedade.

No campo da EP se tem trabalhado muito sobre uma teoria mais dialética do conhecimento: parte-se da prática social e dos conhecimentos que nascem na transformação da mesma; a produção de conhecimentos se origina e projeta numa prática. Esta postura está na base de muitos discursos sobre EP que pretendem

seguir um método dialético. Resta ver e analisar em cada caso em que medida partem realmente da prática ou de um *a priori* ideológico, em que medida partem da realidade, dos valores, dos desejos dos educandos ou da idéia que os educadores têm deles.

Indo além das modas, entendo o método na EP como um conjunto de relações e de interações por vezes conflitivas. Implica que se considerem as inter-relações entre economia, política, cultura e educação. Na EP, o método permite articular práticas e teoria sobre a base dessas inter-relações múltiplas e complexas. Quando se confunde método com metodologia, entendida como um conjunto de técnicas, e quando estas se limitam a ser “participativas”, a EP deixa de ser uma prática pedagógica para transformar-se em simples animação social.

Na seção anterior indiquei que o educacional intervém no próprio método da teologia. Vale perguntar-se aqui se a teologia tem algo a ver com o método da EP e algo a dizer a ele.

A teologia cristã é uma ciência crítica e procura descobrir e questionar as tentativas de sacralizar o ser humano e de fazer de Deus um simples ídolo. Neste sentido, a teologia se interessa pelas crenças sobre as quais repousa a EP; interroga as finalidades da educação e pergunta em que medida estão perseguindo a realização de pessoas e comunidades afins com os valores do Reino.

As finalidades da educação colocam em destaque certas crenças sobre o ser humano e a sociedade. Por muito tempo essas crenças se expressaram em termos religiosos. Desde o iluminismo (séc. 18), essas crenças também se expressam de maneira não-religiosa (p. ex., o fato de se crer que a humanidade alcança o progresso mediante a educação). A teologia cristã questiona as crenças que estão no fundo de toda educação, sejam elas religiosas ou não. Não comparte de uma visão linear do progresso humano que é própria da modernidade e teve efeitos desastrosos particularmente na América Latina.

## **6. Propostas para Trabalhar o Método na Teologia e na Pedagogia**

Passo ao sexto ponto desta reflexão falando de propostas, mais uma vez com o temor de decepcionar quem continua esperando receitas.

Proponho partir de três perguntas elementares, mas decisivas e comuns à teologia e à pedagogia. Atrevo-me a afirmar que se essas disciplinas não se colocam essas perguntas, não merecem se chamar nem de teologia nem de pedagogia. Atrevo-me também a supor que a forma como cada disciplina as enfrenta possa ser de muita inspiração para a outra.

\* É possível aprender? como aprender? De momento, coloco esta pergunta independentemente do conteúdo da aprendizagem: pode ser Deus, a salvação, a

matemática, o canto, a dança, a revolução... Trata-se da pergunta do aprender a aprender: a pergunta epistemológica.

\* Como dar sentido ao que vivemos, fazemos, sentimos, pensamos? Aprender é mais do que uma função biológica; coloca a questão do sentido, é aprender a interpretar: a pergunta hermenêutica.

\* Como comunicar-se com o outro? Como construir com quem é diferente um conhecimento, uma ação, uma esperança que não sejam simples imposição e instrumentalização de minha parte, e sim verdadeira negociação sobre nossas lógicas, racionalidades, expectativas...? Não há aprendizagem sem aprender a se comunicar. Trata-se da pergunta pela comunicação no sentido nobre e profundo da palavra (a pergunta pragmática no sentido lingüístico da palavra).

Não vou desenvolver estes três pontos aqui<sup>1</sup>, mas apenas indicar pistas que possam assinalar alguma senda em nossa busca de um método a meio caminho entre teologia e pedagogia.

### a) Aprender a aprender

Como aprender a caminhar, a viver, a crer, a pensar, a produzir, a amar? Como desaprender nossos condicionamentos, nossas angústias, nossas impotências, nossas superstições?

Aprender a aprender é ser capaz de descentrar-nos, de sair de nosso sistema de crenças. Na teologia cristã, é ser capaz de abrir-se ao outro que me oferece o que não posso aprender por mim mesmo. Na pedagogia, é mudar de tipo de aprendizagem, utilizar as informações em novos contextos; ou seja, é multiplicar em vez de somar os conhecimentos.

Que terá a fé a ver com isso?, perguntará o teólogo protestante convencido de que a fé é um dom de Deus e não o fruto de um ensino. Pode-se aprender a fé? Pode-se ensinar a fé? Quanto à segunda pergunta, à primeira vista parece que não: não se ensina a fé como se ensina a gramática, a fé não passa por uma demonstração lógica, racional, acumulativa; a fé é ruptura, paradoxo e crise, dom e graça. Ainda assim, existem condições de aprendizagem da fé. Ela não pode ser ensinada, mas afirmo que pode ser aprendida.

Tocamos aqui num velho tema da teologia sistemática: a distinção entre o ato de fé e o conteúdo da fé: a fé por meio da qual se crê (*fides qua creditur*) e a fé que é crida (*fides quae creditur*). A primeira, o ato de fé, é efetivamente da ordem da graça, da confiança pura: “Creio, Senhor, ajuda-me na minha falta de fé...” — isto não se pode ensinar. A segunda, o conteúdo da fé, sim, pode ser transmitido com a liberdade de que a fé, como dom, sempre vai questionar tanto nossas afirmações dogmáticas quanto nossas tendências pietistas.

A fé, em sua dimensão de graça, não pode ser ensinada, mas pode ser

aprendida. Quais são o lugar e o método dessa aprendizagem? É aqui que a teologia latino-americana tem algo próprio a dizer. O lugar da aprendizagem da fé está nas margens. A cruz está plantada nos arrabaldes de Jerusalém, longe do templo. A cruz do povo latino-americano interpela os cristãos a partir de fora de suas casas e convicções; a fé é um aprender a aprender com os pobres, com os excluídos da sociedade.

Do ponto de vista pedagógico, o debate sobre a fé dos pobres tem a ver com as repercussões da pobreza (analisada com ferramentas críticas) na fé dos crentes. A existência maciça da pobreza é uma interpelação radical para uma sociedade que se chama de cristã. Este escândalo não pode ser desligado da fé dos pobres: de sua abertura e disponibilidade para a graça, de sua capacidade de crer que o amanhã é possível apesar do que aconteça hoje. A resposta de fé dos pobres se dá num contexto material próprio, e isto desafia a teologia.

No método de aprender a aprender que persigo, há uma afirmação de premissas epistemológicas ligadas à presença de Deus nos gestos de humanização e libertação dos mais pequeninos. Isto não significa sacralizar os pobres; nem seus compromissos religiosos ou políticos nem seus discursos desencadeiam a revelação. É sua própria existência e o escândalo que ela representa que apelam por uma revelação como resposta. O reconhecimento da cruz culmina na esperança da ressurreição.

Concluindo: a fé dos pobres torna-se uma aprendizagem da mudança na medida em que há uma transformação no contexto econômico e material que engendra a pobreza. Reciprocamente, para que a fé dos pobres desencadeie a aprendizagem das comunidades cristãs, é necessário que estas se comprometam na luta contra a pobreza, na transformação das condições econômicas.

## **b) Aprender a interpretar**

Aprender a interpretar, aprender a produzir sentido sobre as crenças, sobre os conhecimentos, sobre as ações — esta é uma tarefa que ultrapassa o campo próprio da teologia e da educação, esta é também uma exigência que dá uma luz diferente tanto ao método teológico quanto ao método pedagógico. A hermenêutica não está encerrada no marco de uma leitura pedagógica ou teológica de uma realidade; pelo contrário, engloba essas duas perspectivas. O que é, então, um método hermenêutico? Em que ele desafia e enriquece o método da EP e da TdL? Para isso esboçarei apenas duas pistas que permitiriam aprofundar-se no tema: 1) a relação entre hermenêutica bíblica latino-americana e EP; 2) a necessidade de elaborar uma hermenêutica da ação e não só dos textos.

A hermenêutica bíblica latino-americana está diretamente ligada a uma prática educacional: a leitura popular da Bíblia não é a acumulação romântica das intuições e inspirações do povo, e sim a confrontação, o diálogo entre vários

saberes e conhecimentos. Temos, por um lado, o saber popular que vibra e ressoa com os relatos bíblicos e, por outro, o conhecimento exegético científico, convidado não a purificar as intuições populares, e sim a questionar e a questionar-se frente à apropriação diferenciada de uma mesma Palavra. Em termos educacionais, a hermenêutica bíblica latino-americana não é a transmissão de informações eruditas nem uma maiêutica bíblica no sentido de fazer parir o sentido verdadeiro que os setores populares já abrigariam no fundo de suas entranhas. Há uma fecundação: uma produção de sentido: a “palavra libertadora” do evangelho se une com a “palavra criadora” que atua na vida e nas lutas do povo. Existe, definitivamente, uma aprendizagem da interpretação.

Esta é a faceta bíblico-teológica, mas além dela o método hermenêutico convida os setores populares a ler e reler sua história, seus fracassos, suas vitórias. Isto é tarefa de educação popular, isto é recuperação da memória, reconstrução da identidade, valorização da subjetividade... uma série de tarefas que, graças à sua crise, a EP está começando a enfrentar.

Com Ricoeur e com seu conceito de “ação sensata” ou “ação com sentido” poderíamos aplicar à EP uma hermenêutica da ação. A EP é uma ação sensata quando desenvolve uma tarefa hermenêutica, quando ocupa um lugar entre o ato e a palavra, entre a prática e a teoria. É uma ação sensata quando assume as insuficiências da prática e o risco de arrogância da teoria. A EP, então, torna-se consciente de suas crenças, de suas apostas e as interpreta no seio de uma realidade sempre nova para ter sentido.

Um método hermenêutico na pedagogia permite não acentuar unilateralmente o planejamento e a estratégia; um método hermenêutico na educação convida e oferece meios para buscar e definir o sentido de uma ação educacional não só antes ou depois de sua realização, e sim no próprio processo de sua execução. Neste sentido, um método hermenêutico na educação se opõe a uma via estratégica que pense que a tarefa educacional já fez o principal quando tiver definido com precisão e objetividade a meta final e os objetivos em termos de mudança de conduta.

### **c) Aprender a comunicar**

Lembro que defini o método como um sistema de comunicação, de mediação e de interações entre o mundo no qual vivemos, os sujeitos sociais pelos quais optamos, as finalidades que perseguimos e as ações ou conteúdos que implementamos. A comunicação está no âmago do método.

O aprender a aprender, o aprender a interpretar, enquanto exigências que incluem os métodos próprios à teologia e à pedagogia, não podem ocorrer exceto dentro de uma comunidade de linguagem, de uma comunidade de comunicação.

Como se comunicam entre si os/as diferentes protagonistas da EP e da TdL? Acaso existe uma linguagem que permita que as diferentes crenças e as distintas

cosm visões se comunicuem? Existem instâncias e mediações culturais, políticas, públicas onde os homens e as mulheres possam dar forma a suas diferentes racionalidades, negociar seus projetos e expectativas fixando eles/as mesmos/as as regras do jogo?

As convergências, a proximidade ideológica e cultural que afirmamos haver entre a EP e a TdL são apenas fruto de uma herança moderna, ocidental, instrumental ou podem abrir-se a um diálogo intercultural, interétnico, inter-sexual, intergeracional? A EP e a TdL são, ambas, filhas do iluminismo europeu, práticas colonizadoras, autoritárias, logocêntricas ou têm as ferramentas e a disponibilidade para dialogar com as culturas populares latino-americanas, culturas híbridas com uma mescla *sui generis* de ingredientes pré-modernos, modernos e pós-modernos?

Penso que não há antídotos absolutos nem vacinas seguras para não cair no relativismo cultural de certas antropologias, para não se perder na desilusão anti-humanista das teorias pós-modernas que declararam a morte do homem ou, o que é quase o mesmo, o fim da história. No arsenal teórico disponível, parece-me que tanto os teólogos quanto os pedagogos latino-americanos deveriam recorrer a Habermas e sua teoria da ação comunicativa.

Para Habermas, a comunicação não é um conjunto de meios, de técnicas de estados de ânimo como o é para o senso comum. Para ele, trata-se da busca comum das condições gerais, e até universais, do diálogo entre pessoas ou culturas diferentes. Não é uma constatação que resulte da observação das relações entre pessoas, grupos sociais e culturas. É uma meta, uma proposta, em última análise uma aposta.

Não estou seguro de que se deva contrapor comunidade de comunicação a comunidade de vida, como propõe Dussel em seu debate com Appel e Habermas. A luta da América Latina e do Caribe por uma transformação radical das condições econômicas que determinam nossa morte não pode ser entendida somente como uma luta contra o império e o mercado satanizado.

Mais uma vez, a questão do método na pedagogia e na teologia não tem a menor pertinência se não se articula com os métodos que os homens e as mulheres do mundo deste final de século elaborarem para assegurar vida para todos/as. Sem isso, a pergunta por Deus, a produção e reprodução de conhecimento serão construções simbólicas estéreis, porque sem base material não há vida.

## 7. Existe um Método?

Dou-me conta de que, ao falar assim do método na EP e na TdL, coloquei mais perguntas ao invés de trazer respostas. Compliquei a vida de vocês. Quis polemizar e romper com uma visão logística, militar, teleológica — para usar um termo erudito —, ou seja, completamente centrada na eficiência que leva a um

fim, um objetivo. É que estou me esforçando para lutar contra a metáfora do objetivo, contra o caminho reto que nos leva aonde o educador decidiu de antemão levar-me, contra o pretenso reino para onde o pastor e o teólogo querem arrastar-me sem que eu possa dizer se ele me interessa, se me servem seus objetivos e paraísos.

Não há receitas, não há metodologia segura, não há um método único, porque educadores e teólogos estamos frente a um mesmo enigma: é possível aprender? é possível educar-nos interpretando libertadoramente para nossa realidade de o potencial de saberes, de culturas, de emancipação que a humanidade produziu ao longo dos séculos?

Quando começamos a crer, perdemos outras velhas certezas; quando começamos a aprender, nos esquecemos de muitos ensinamentos. Sem nenhum desespero e com muita esperança, quero afirmar a distância, a brecha, própria de nossa condição humana, entre nossas metas e nossas possibilidades. Não há caminho reto. Não há nada nem ninguém que me levem diretamente aonde quero e aspiro chegar.

O poeta dizia: “Caminhante, não há caminho; o caminho se faz ao andar.” O teólogo e o pedagogo, com menos estilo, poderiam dizer: educador cristão ou popular, não há método; o método se faz ao caminhar.

## Notas

\* Palestra pública proferida na Escola Superior de Teologia, de São Leopoldo, em 17 de maio de 1995.

1 Essas intuições são desenvolvidas em meu livro *Educación Popular y Teología de la Liberación*, San José, DEI, 1994. A Editora Vozes publicará proximamente uma versão em português.

Matthias Preiswerk  
Casilla 6538  
La Paz  
Bolívia

(Tradução: Luís M. Sander)